

\*CEA-MAEDS –  
Centro de Estudos  
Arqueológicos - Museu  
de Arqueologia e  
Etnografia do Distrito  
de Setúbal; UNIARQ-  
FLUL – Centro de  
Arqueologia da  
Universidade de Lisboa.  
joaquina.soares1@  
gmail.com  
ctavaressilva@gmail.com  
teresa.rita.pereira@  
gmail.com

\*\*CEA-MAEDS –  
Centro de Estudos  
Arqueológicos - Museu  
de Arqueologia e  
Etnografia do Distrito  
de Setúbal.  
cea.maeds@amrs.pt

\*\*\*UNIARQ-FLUL –  
Centro de Arqueologia  
da Universidade de  
Lisboa.  
vinso84@hotmail.it

Os autores escrevem  
segundo o Acordo  
Ortográfico de 1945.

# Aspectos da presença militar romano-republicana no Castro de Chibanes (Palmela)

Joaquina Soares\*  
Carlos Tavares da Silva\*  
Susana Duarte\*\*  
Teresa Rita Pereira\*  
Vincenzo Soria\*\*\*

**Resumo** O sítio de Chibanes, detentor de uma posição privilegiada em termos geoestratégicos, assegura o controlo visual sobre amplas áreas da Península da Arrábida, nomeadamente os sectores vestibulares do Sado e do Tejo. Foi ocupado durante o III milénio cal BC, a II Idade do Ferro e o período romano-republicano.

Apresenta-se um breve balanço sobre a fortificação do período romano-republicano, construída sobre o povoado fortificado da II Idade do Ferro. Datada entre finais do século II e meados do século I a.C., parece corresponder a um estabelecimento militar correlacionável com o processo de conquista do Ocidente da Península Ibérica.

**Abstract** The site of Chibanes has a privileged position in geostrategic terms, which ensures visual control over large areas of the Arrábida Peninsula, namely the lower sections of Tagus and Sado estuaries. The site had been occupied during the 3rd millennium cal BC, in the late Iron Age and in the Roman Republican period. In this paper a brief synthesis is presented concerning the information still under study on the fortification of the late Roman Republican period.

According to the archaeological data and the classical literary sources, the fortification of Chibanes, built at the end of the second century on an Iron Age *oppidum* and abandoned at the mid of the first century BC had been connected with the Roman conquest of the western Hispania.

## 1. Localização e fundação

Chibanes é, por agora, um dos sítios arqueológicos mais emblemáticos da Península de Setúbal. Localiza-se sobre o relevo monoclinal que limita a norte a cordilheira da Arrábida, a chamada Pré-Arrábida na feliz expressão de Orlando Ribeiro (1935, 1937). O seu domínio visual é extraordinariamente amplo, abrangendo os estuários do Sado e Tejo, por sobre qualquer coberto florestal que possa ter existido no Passado. O factor topográfico deve ter sido decisivo na escolha desta localização em conjunturas de intensa conflitualidade como no início do III milénio cal BC (Chibanes I), a II Idade do Ferro (Chibanes II) e o período romano-republicano (Chibanes III). Três fortificações foram erguidas (Soares & Tavares da Silva, 2014; Tavares da Silva & Soares, 1997, 2012, 2014), possuindo traçados aproximadamente coincidentes, e todas elas tiraram partido das condições naturais de defesa oferecidas pela vertente escarpada da costeira, virada a sul, que dispensava qualquer construção no Sector meridional. A mais recente fortificação, que aqui nos interessa, com uma área próxima de

1 ha<sup>1</sup>, parece ter sido construída no decurso de campanhas militares da conquista romana do Ocidente hispânico (Fig. 1).

A topografia de Chibanes, a sua arquitectura e cultura material, nomeadamente a presença de armas e de *militaria* e a cronologia sugerida pela cerâmica de verniz negro itálico não são incompatíveis com a proposta de aí se ter localizado a *Caepiana* ptolomaica (Guerra, 2004), que segundo a interpretação das fontes clássicas (Schulten, 1937; Pastor, 2000) se situava a norte dos Turdetanos e do *Barbarium Promontorium* e a sul de *Olisipo*, em âmbito geográfico de filiação céltica. A cronologia da sua fundação poderá não ter sido anterior a 110–109 a.C., pois é esse o intervalo de cunhagem de um denário forrado de *Publius Porcius Laeca* recolhido em uma estrutura de combustão da C. 3B (correspondente à mais antiga subfase romano-republicana), do compartimento J17 do Sector V (no mesmo contexto surgiu um outro denário, de *Marcus Sergius Silus*, cunhado entre 116–115 a.C.)<sup>2</sup>.

O primeiro numisma referido fornece um *terminus post quem* que concorda com a data de 109 a.C., proposta por Amílcar Guerra

<sup>1</sup>Sobre as noções utilizadas na terminologia romana para sítios de carácter militar como *castra/castellum/praesidium* que frequentemente são aplicadas a um mesmo sítio (sinónimos) ver Jiménez, 1995; Cadiou, 2015; sobre a comparação entre *castellum* e acampamento militar, ver Morillo, 2007, 2008; no que concerne à problemática militar cf. Fabião, 2006, 2014.

<sup>2</sup>Dos numismas recuperados nas nossas escavações, ainda em estudo, fazem parte, além de denários romano-republicanos, asses hispânicos. Ver a propósito Faria, 1989, 1992.

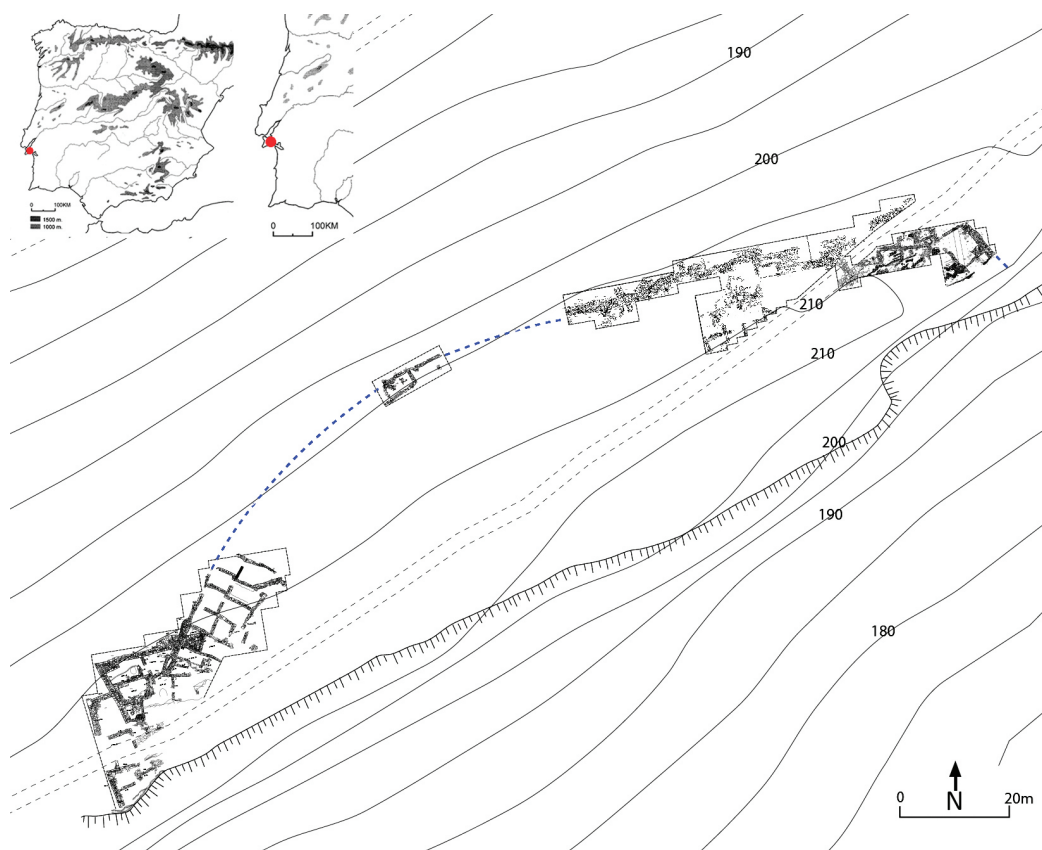


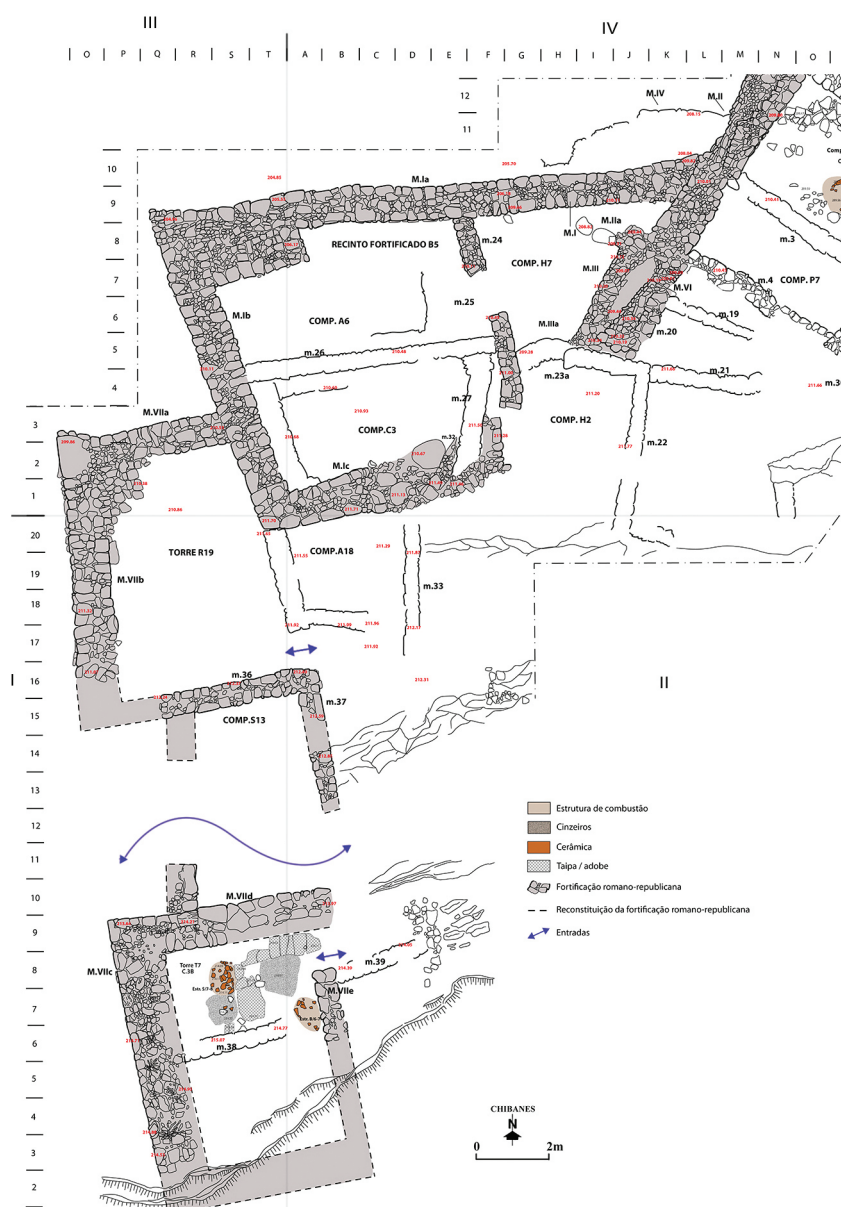
Fig. 1 – Chibanes. Planta cumulativa das estruturas arquitectónicas dos diversos períodos postas a descoberto pelas escavações promovidas pelo MAEDS, sob a direcção de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva. O traçado azul indica o contorno provável do muro de delimitação do povoado no período romano-republicano.

(2004, p. 233) com base na análise das fontes escritas, para a fundação, que segundo o mesmo autor deverá ser atribuída a Quinto Servílio Cepião filho. Importa, no entanto, ter presente que a fase fundacional romano-republicana pode ter comportado vários episódios, espaços e arquitecturas, que não é possível desde já controlar na diacronia fina que tentaremos ir desenhando para o sítio.

A instalação em Chibanes de um núcleo militar activo nos finais do século II a.C. — correlacionável com a resposta de Roma às sublevações lusitanas de 112 e 102–99 a.C. (Arruda, 1993; Arruda & alii, 2018), no rasto da grande rebelião nativista

(guerras lusitanas de 154–137 a.C. e guerras celtibéricas de 154 a 133 a.C.) —, e o seu provável envolvimento nas guerras sertorianas (82–72 a.C.), provavelmente em torno de 78 a.C. (Salinas, 2014) documentam bem a instabilidade da região durante o processo de conquista. O precoce abandono de Chibanes em torno de meados do século I a.C. ocorreu muito provavelmente na sequência das guerras civis entre Pompeio e César (49 a 45 a.C.), que levaram à vitória de César sobre os filhos de Pompeio em 45 a.C., na batalha de *Munda*, e à integração definitiva das populações autóctones do Sudoeste peninsular na província romana da Ulterior (Arruda, 1993, p. 174).

Fig. 2 – Chibanes. Primeira fase de ocupação do período romano-republicano (Chibanes IIIA). Planta do fortim ocidental (Sectores I, III e IV).



As características castrenses de Chibanes não interessavam ao processo de pacificação romano. No mesmo sentido, apontam o pequeno recinto fortificado do Pedrão, na Serra de S. Luís, de fundação mais recente que a de Chibanes, mas também ele abandonado antes de Augusto, e o muito inacessível sítio do Castelo dos Mouros, na Serra da Arrábida propriamente dita (Soares & Tavares da Silva, 1973; Tavares da Silva & Soares, 1986). As populações indígenas são agora necessárias nas terras baixas do Sado, cuja exploração pela potência hegemónica requeria a constituição de reserva de mão-de-obra com baixos custos de reprodução social. Ocasionalmente, o sítio de Chibanes terá sido revisitado ainda durante o Alto Império, como parece indicar o aparecimento de escassos fragmentos de *terra sigillata* sudgálica na camada superficial do Sector oriental da jazida.

## 2. Sequência ocupacional

A sequência estratigráfica da ocupação romano-republicana de Chibanes revelou duas subfases (IIIA e IIIB), separadas por um evento destrutivo representado por derrubes de paredes, sobretudo de terra (taipia e/ou adobes) na área residencial e por incêndio na torre T7 (Fig. 2). Esta ocorrência não

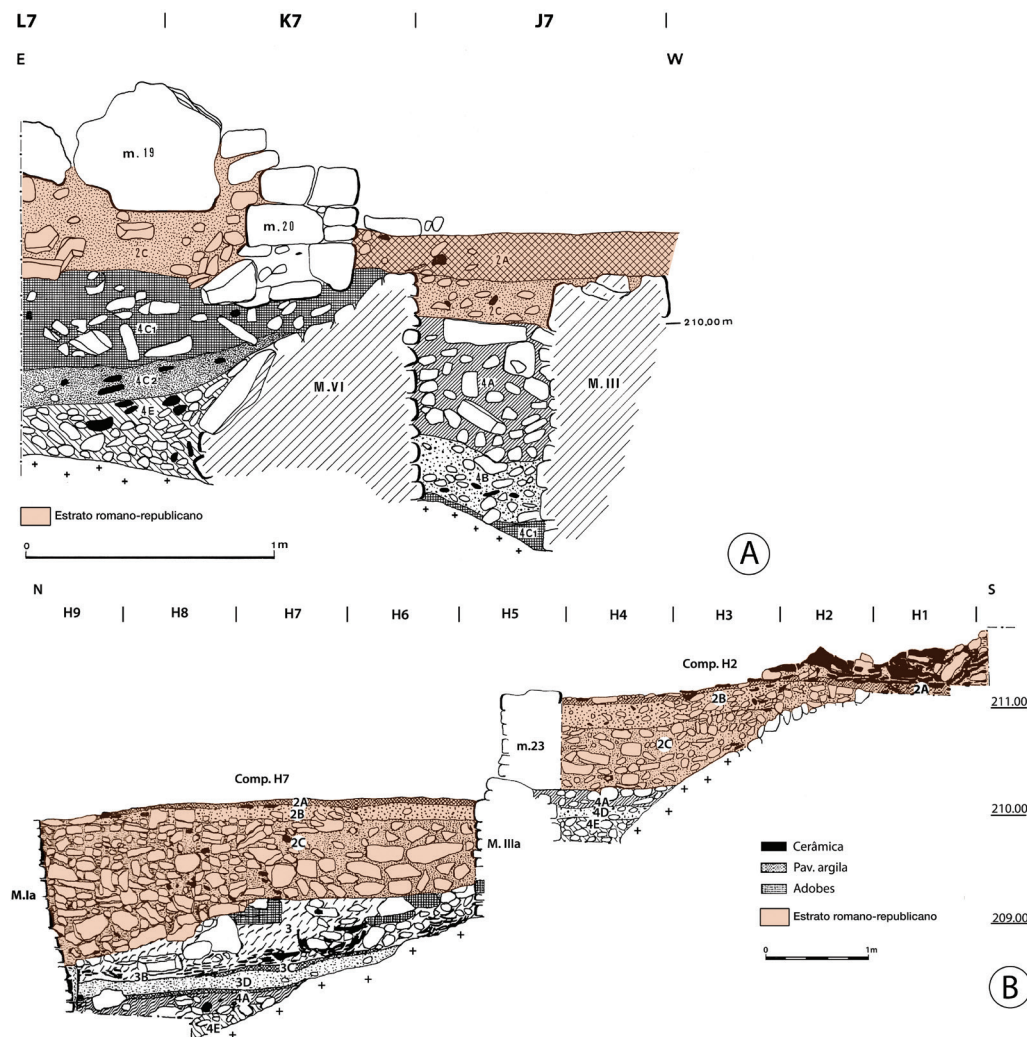


Fig. 3 – A: Chibanes. Perfil estratigráfico sul nos Qs. I-L/7 (Sector IV), vendo-se entre os topos arruinados das muralhas sidérica (MIII) e calcolítica (MVI), o enchimento datado do período romano-republicano (Chibanes IIIA); B: Chibanes. Perfil estratigráfico este dos compartimentos H2 e H7 (fortim ocidental). Observe-se a técnica de construção em socalcos, com a constituição de duas plataformas escalonadas na fortificação romano-republicana ocidental (muralha MIIa e muro m23). No compartimento H7, de cota menor, as camadas romano-republicanas (C.2) assentaram sobre lixeira da Idade do Ferro (C.3) constituída contra o paramento externo da muralha do mesmo período (MIIIa). No compartimento H2, de cota mais elevada, as camadas romano-republicanas assentaram sobre o estrato calcolítico (C.4), pois o da Idade do Ferro já tinha sido erodido e mobilizado pelos agentes da geodinâmica externa; o muro republicano m.23 instalou-se quer sobre o topo destruído da muralha da Idade do Ferro quer sobre o topo da sequência calcolítica.

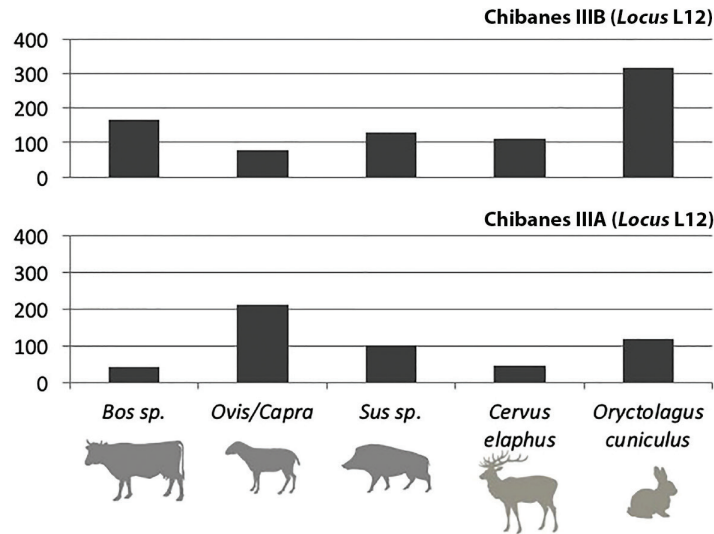
implicou, porém, o abandono do local, mas sim a reorganização do espaço edificado (compartimentação). As causas daquele evento estão ainda em discussão, podendo ter sido de carácter natural e sismogénico ou de carácter bélico, correlacionáveis com as guerras sertorianas (80–72 a.C.). Algumas das suas batalhas teriam ocorrido no sul do actual território português, onde a frente de avanço das tropas romanas corresponderia a uma “linha Este/Oeste que liga grosso modo o vale do Guadiana Norte à foz do rio Sado” (Arruda, 1993, p. 169), limite que colocaria Chibanes em cenário de guerra. Importa também ter presente que a nomeação de César em 69 a.C. como questor da Ulterior (passando a pretor em 61 a.C.) tinha o propósito de erradicar os núcleos de resistência das populações autóctones.

O carácter militar da subfase de fundação (IIIA)

foi-se tornando menos evidente na 2.ª subfase (IIIB). Os ambientes arquitectónicos são agora mais domésticos, muito embora persistam armazéns nesses contextos. Os grandes compartimentos da fase inicial são segmentados tal como o fortim ocidental (Tavares da Silva & Soares, 1997; Soares & Tavares da Silva, 2014). O registo faunístico também sugere maior estabilidade e domesticidade na última subfase de ocupação do sítio. De facto, o estudo zooarqueológico (Detry, Tavares da Silva & Soares, 2017) deixou perceber as mudanças ocorridas e permitiu compreender as estratégias de subsistência desenvolvidas. Comparando a frequência dos mamíferos das duas subfases do período romano-republicano, constata-se, na segunda, um significativo aumento do gado bovino, bem como da caça a lagomorfos, associada, em economias agropecuárias, à protecção dos campos de cultivo (Quadro 1).



Quadro 1 – Chibanes. Fauna mamalógica do Corte L12 (lixeria extramuros, formada contra a muralha romano-republicana), de ambas as subfases de ocupação tardo-republicana: Chibanes IIIA, a fase mais antiga, de finais do século II a.C. e 1.º quartel do século I a.C. e Chibanes IIIB, do 2.º quartel do mesmo século até meados do século I a.C. Seg. Detry, Tavares da Silva & Soares, 2017.



Os produtos alimentares importados em ambas as subfases da ocupação romano-republicana remetem-nos essencialmente para o círculo gaditano (ânfora Mañá C2b e imitação de Dressel 1), seguido pela Península Itálica (ânfora Dressel 1), e Vale do Guadalquivir (ânfora Ovóide 1). As produções regionais chegavam envazadas em ânforas de tradição “ibero-púnica”, com pastas do Sado/Tejo (Figs. 5–6). O repertório dos recipientes cerâmicos

de uso doméstico mostra a persistência de uma forte tradição sidérica.

De entre as importações, além dos recipientes anfóricos, merecem destaque as cerâmicas de verniz negro itálico (Figs. 7–8), principalmente as produzidas na colónia romana de *Cales*, seguidas pelas de campaniense A da região *neapolitana*. O estudo destas cerâmicas veio corroborar as cronologias propostas para as duas subfases de ocupação romano-republicana reveladas pelas sequências estratigráficas: Chibanes IIIA — remonta ao final do século II a.C.; Chibanes IIIB — inicia-se no 2.º quartel do século I a.C. e finda em meados do mesmo século.

### 3. Cultura material. Aspectos gerais

Além da arquitectura (Figs. 1–4), a cultura material metálica (Figs. 9–10) reforça o carácter militar itálico do sítio: armas (*pilum*, pontas de lança, glandes *plumbeae*) e outra *militaria*, com destaque também para as fibulas (*Nauheim*, *Schüle 4h*, *Ponte 36a*, *Almgren 65*) e para a baixela metálica. Com efeito, a imagem padronizada dos modelos de fibulas presentes em Chibanes sugere aportações através de contingentes militares. A presença de projecteis de chumbo para funda, por exemplo na torre T7, deve ser aqui sublinhada, por se tratar de um bom marcador da função castrense do sítio (Gomes & alii, 2013, 2018; Guerra, 1987; Pimenta, 2013).

Fig. 4 – Chibanes. Vista de sul do vértice noroeste do fortim ocidental. Foto Arquivo MAEDS.



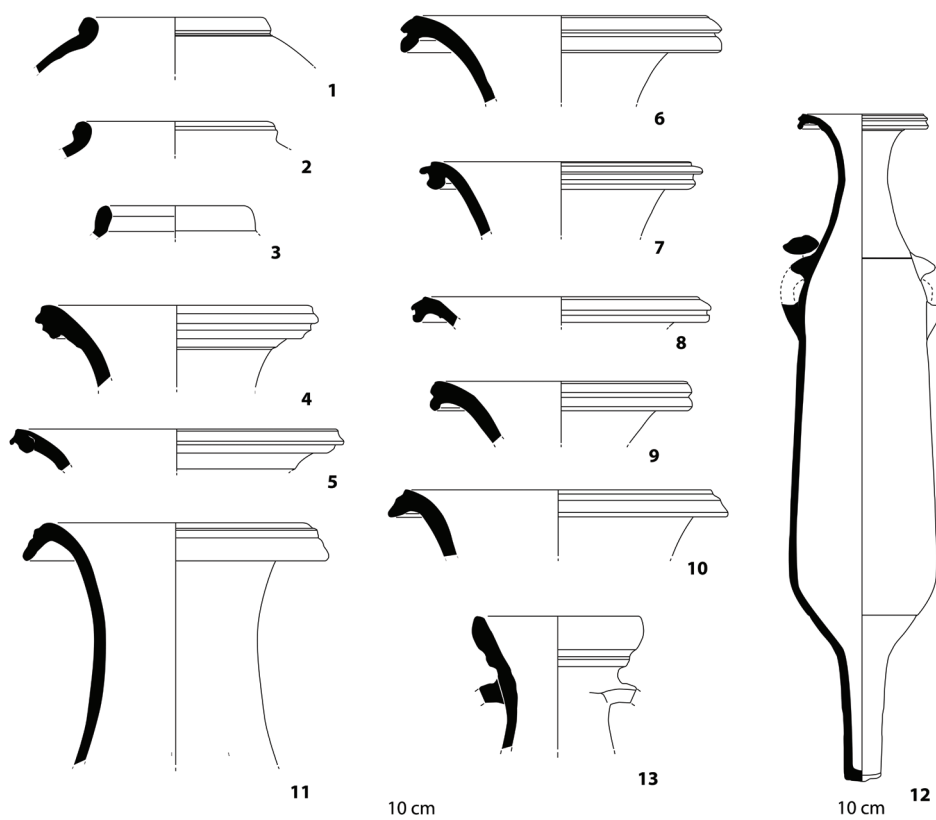


Fig. 5 – Chibanes III.  
Ânforas: 1 a 3 – de  
tradição “ibero-  
púnica” – produ-  
ção regional;  
4 a 12 – gadita-  
nas Mañá C2b;  
13 – Ovóide 1 do  
Guadalquivir.

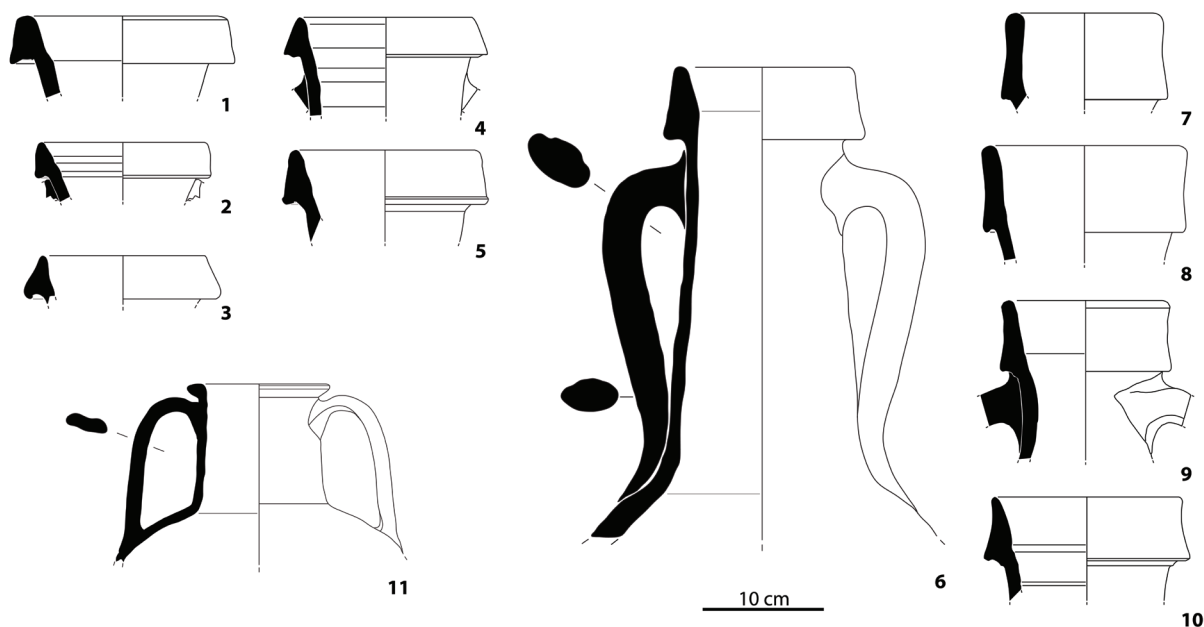


Fig. 6 – Chibanes III.  
Ânforas: 1 a 5 – tipo  
Dressel 1 itálico;  
6 a 10 – tipo  
Dressel 1, fabrico  
do sul de Espanha;  
11 – produção  
local/regional.

#### 4. O fortim ocidental

O estabelecimento tardo-republicano de Chibanes é constituído por um recinto murado, de forma aproximadamente elíptica, com o comprimento máximo de 200 m segundo o eixo de direcção NE-SO e a largura máxima, tomando como limite

a linha de escarpa, de cerca de 50 m (Fig. 1). O recinto, murado do lado norte, coroou troço culminante da Serra do Louro com a cota máxima de cerca de 214 m, e o seu acesso far-se-ia, como ainda hoje, por caminho de cumeada; foram precisamente os sectores nascente e poente do sítio, no alinhamento do referido caminho, que

sofreram maior investimento em arquitectura militar. Neles se abrem as portas exteriores do estabelecimento. No extremo ocidental, a porta era defendida por torres de planta rectangular. Os edifícios militares, que assinalam e defendem o sítio nos extremos, mais vulneráveis, são ligados entre si, pelo lado norte, através de muro pouco robusto (0,65/0,70 m de largura) que aparentemente só possuía a função de delimitar o espaço residencial. O fortim ocidental, nos Sectores I a IV (Fig. 2), é por agora o melhor conhecido em planta; mostra-se formado por um recinto muralhado de planta trapezoidal e por duas torres de planta rectangular; sobrepõe-se parcialmente à muralha sidérica que lhe serviu de embasamento, amarração e pedreira. O pano muralhado do lado norte (Mla) entrosou-se, a nascente, com a muralha da Idade do Ferro (MIII). No encerramento oriental do fortim foi incluída a muralha sidérica e um maciço criado pela junção das muralhas da Idade do ferro e calcolítica através do preenchimento do espaço entre ambas (Fig. 3A). No seu conjunto, as estruturas romano-republicanas constituem um sistema defensivo organizado em patamares escalonados (Figs. 2–4), que vencem um desnível de cerca de 10 m ao longo da frente ocidental. O recinto muralhado de planta trapezoidal possui a área bruta de cerca de 110 m<sup>2</sup> e adaptou-se à vertente através da criação de duas plataformas (Figs. 3–4) ou socacos: o setentrional, de cota mais baixa, assentou sobre um nível de lixeira da II Idade do Ferro (*locus* H7), particularmente rico em recipientes cerâmicos, e o meridional, de cota mais elevada (*locus* H2), onde o estrato da Idade do Ferro já não se conservava, assentou sobre uma camada de derrubes e incêndio correspondente ao último momento do Calcolítico inicial (Tavares da Silva & Soares, 2014). As muralhas que delimitam este recinto, avançado em cunha para NW, são de grande robustez, incluindo blocos ciclópicos, e possuem, em geral, 1–1,20 m de largura. Os vértices mais expostos são reforçados internamente. A esta estrutura adossa-se uma torre de planta sub-rectangular, com cerca de 47 m<sup>2</sup> de área bruta, e paredes igualmente robustas, a qual defendia, do lado norte, a entrada ocidental. A sul, a entrada era protegida por uma segunda torre (T7) de planta rectangular, limitada também por paredes espessas (1,20 m de largura), em alvenaria de grandes blocos de calcarenito ligados por argila. A torre T7 encontra-se parcialmente destruída

pela erosão e recuo da escarpa meridional. A sua área é, pois, indeterminada, embora possamos admitir uma superfície similar à da torre setentrional, de acordo com a arquitectura dos modelos “clássicos” de estabelecimentos militares, com as portas ladeadas por torres simétricas (Morillo, 2003, figs. 5, 6). No entanto, no caso de Chibanes, não podemos esquecer que estamos em presença de uma pequena fortificação adaptada a movimentada orografia e a construções preexistentes. O desenho em planta da entrada ocidental proposto, em baioneta, embora com paralelos (Olcina, Guilabert & Tendero, 2014, fig. 5) comporta muitas incertezas que decorrem da impossibilidade de escavarmos sob o caminho de cumeada em uso, antes da criação de alternativa ao mesmo.

A escavação da torre T7 veio mostrar que foi erguida na primeira fase da ocupação romano-republicana, e que, após um incêndio que lavrou no seu interior, foi reparada e segmentada em dois compartimentos, por muro com cerca de 0,50 m de largura. A segmentação do espaço construído na primeira subfase (Chibanes IIIA) parece ter sido frequente na generalidade do sítio, no segundo quartel do século I a.C. (Chibanes IIIB), revelando uma apropriação mais doméstica dos edifícios militares e dinâmica de crescimento demográfico. No que respeita às coberturas, é muito provável que tenham sido utilizados materiais perecíveis face à ausência de telhas. A arquitectura em terra (adobes e taipa) seria muito expressiva na parte superior das paredes e nos poiais.

## 5. Cerâmicas de verniz negro itálico do fortim ocidental

A amostra de cerâmicas de verniz negro itálico (VNI) estudada, proveniente das campanhas de escavação entre 1996 e 2015, compõe-se de 164 fragmentos, cujo principal centro produtor foi a colónia romana de *Cales* (107 fragmentos), seguida pelas produções em campaniense A (camp-A) da região *neapolitana* (51 fragmentos) e por produtos enquadrados genericamente na “*Cerchia della campana B*” (6 fragmentos) (Cibecchini & Principal, 2004; Di Giuseppe, 2012). Neste último grupo entraram peças cujas características técnicas se afastam dos outros dois grandes grupos, devendo, contudo, ter-se em atenção que poderão pertencer ao grupo caleno, muito embora com alterações

químico-físicas ocorridas durante o processo de cozedura.

É importante sublinhar que a presença dos dois fabricos maioritários (Cales e camp-A) foi concomitante em todos os sectores escavados, a testemunhar uma possível justaposição de consumo destes produtos.

A cerâmica de verniz negro itálico da área oriental da jazida proveio de camadas superficiais (Cs. 1A, 1B). O fabrico melhor representado, tal como na área ocidental, é o caleno com 46 fragmentos, seguido pelo fabrico *neapolitano* com 19 fragmentos e pela “*Cerchia della B*” com 2 fragmentos.

Consideramos aqui apenas a cerâmica de verniz negro itálico proveniente do *locus* L12 do Sector Ocidental da jazida, relacionada com o funcionamento do fortim antes referido.

O *locus* L12 forneceu uma potente sequência estratigráfica, do Calcolítico ao período tardo republicano (Tavares da Silva & Soares, 1997), com elevado grau de desagregação, servindo de referência para os contextos romano-republicanos posteriormente escavados. Trata-se de uma zona *extramuros*, confinante com a muralha MI do fortim ocidental onde se formou uma lixeira (Cs. 2 e 3) resultante da actividade desenvolvida nesse fortim. O cálculo do número mínimo de recipientes (NMI) relativo ao VNI do *locus* L12 consta de 18 indivíduos (Quadro 2).

O repertório<sup>3</sup> de VNI da C. 2 (Fig. 8) parece ser menos variado que o da C. 3 (Fig. 7), com uma quase total predominância de produtos calenos nas formas mais utilizadas no território português (taça L. 1 e pratos L. 5 e L. 5/7). O jarro L. 10 é uma forma invulgar que não parece ter tido muito êxito devido por um lado aos constrangimentos físicos da sua morfologia (escassamente empilhável e de difícil transporte) e por outro lado pela sua função que tem a ver com a menor representatividade desta forma nas mesas de um banquete face a outros componentes como taças ou pratos. É importante aqui sublinhar a ausência de estampilhas em losango que encontraram o seu auge produtivo por volta do segundo quartel do século I (Pedroni, 1989) e que está presente em contextos próximos de Chibanes durante o segundo quartel/meados do século I, nomeadamente em Monte dos Castelinhos (Pimenta, Soria & Mendes, 2014). Mesmo sendo um elemento *ex silentio* relevante para o estabelecimento duma baliza cronoló-

Fabrico	Camada	Forma	Total frags.
Cales	2	L.1	2
		L. 10	1
		L. 5	1
		L.5/7	3
	3	L. 1	1
		L. 3	1
		L. 4	1
		L. 5	1
Cales Total			11
Camp. A	2	L. 27B	1
	3	L. 31	3
		L. 6-36	1
Camp. A Total			5
"Círculo da B"	3	L. 1	1
		L. 5	1
"Círculo da B" Total			2
Total de fragmentos			18

Quadro 2 – Fabricos e formas de VNI do *Locus* L12. Note-se que a produção da colónia romana de Cales (L. 5/7) é dominante e que a camp-A é mais frequente na primeira subfase de ocupação romano-republicana do sítio. As produções do círculo da B são residuais.

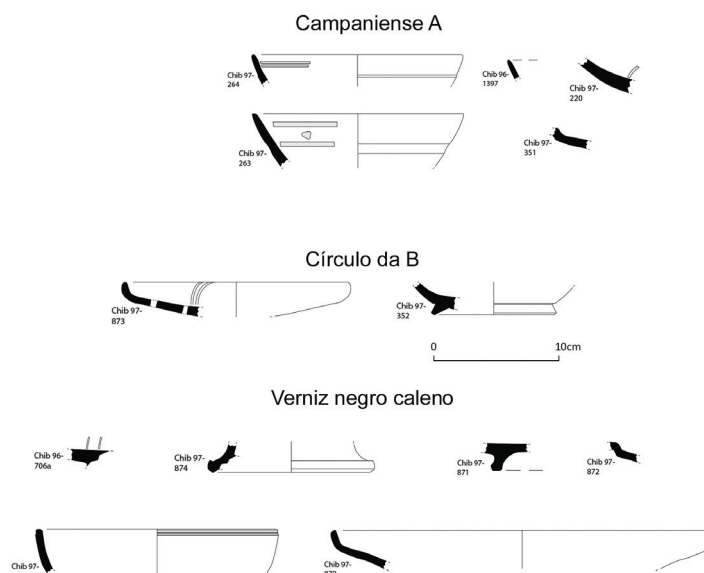


Fig. 7 – Chibanes IIIA. Primeira subfase da ocupação romano-republicana (C. 3) do *Locus* L12. Forms da cerâmica de verniz negro itálico.

gica, a ausência por agora de imitações em pasta cinzenta dos protótipos de verniz negro itálico parece apontar para uma datação do segundo quartel/meados do século I, momento em que este fenómeno parece alcançar uma certa dimensão, como testemunhado estratigraficamente em Monte dos Castelinhos (Pimenta & alii, 2013) e em outras regiões relativamente próximas de Chibanes.

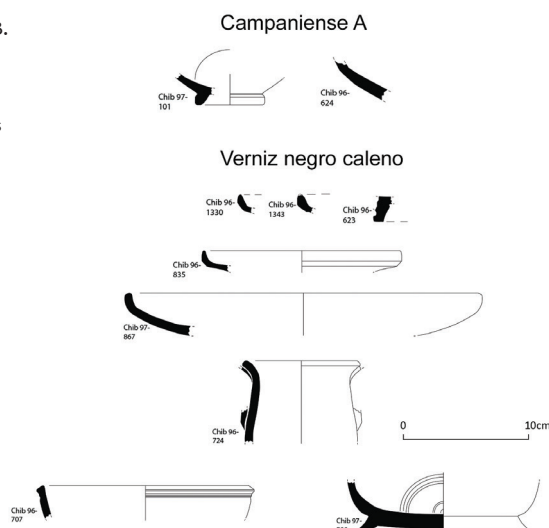
O repertório de VNI da C. 3, por seu lado, apresenta uma maior variedade em termos de fabricos e formas. Contudo as formas representadas apontam para uma *facies* tardia quer para os produtos calenos quer para os produtos em camp-A.

Os padrões decorativos da camp-A apontam

<sup>3</sup>Para este estudo foi considerada a tipologia de Nino Lamboglia (1952).



Fig. 8 – Chibanes IIIB. Segunda subfase da ocupação romano-republicana (C. 2) do Locus L12. Formas da cerâmica de verniz negro itálico.



para fase tardia da produção (bandas pintadas em branco com pequena folha e círculos concêntricos nos fundos) tal como a ausência de decorações impressas nos fundos como palmetas ou rosetas. Nos produtos calenos a decoração dos fundos é constituída por círculos concêntricos, às vezes acompanhados por faixas em *guilhoché* (motivo recorrente a partir de finais do século II até ao fim da produção). Pelo acima referido, parece plausível estabelecer uma cronologia desta ocupação entre as últimas décadas do século II e o primeiro quartel do século I a.C.

Tal como em outros sítios relativamente próximos (Alcácer do Sal, Monte dos Castelinhos, etc.), foi encontrado no Locus L12 um exemplar que recebeu “gatos” ou grampos metálicos (Fig. 7, n.º inv. Chib 97/873), indicadores de um hábito consolidado nas comunidades locais de prolongar a vida destes utensílios, o que mostra que a sua cronologia se pode estender para além do expectável e que só com o cruzamento de vários dados é possível uma aproximação mais fiável ao tempo de utilização dos mesmos.

## 6. Artefactos metálicos

### 6.1. Armas e militaria

Do conjunto de artefactos metálicos inventariado seleccionámos os que se podem relacionar com a chegada dos contingentes militares de Roma. Numa amostra de 293 efectivos atribuída ao período romano-republicano, as armas e *militaria* detêm 8%.

Todas as armas identificadas em Chibanes se enquadram no armamento típico do período romano-republicano. Embora descontextualizado (camada superficial), um dos elementos de maior destaque é uma empunhadura, em liga de cobre, de punhal de antenas de tipo “Santa Trega” com lâmina de ferro (Fig. 9, n.º 1). Estes punhais de antenas, ligados ao mundo continental, e estritamente relacionados com os castros galaico-lusitanos, são considerados achados raros em contextos meridionais. No território hoje português, as espadas e punhais de antenas circunscrevem-se apenas a contextos de necrópole, em especial a do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). Já em contextos de povoado, estes objectos restringem-se à região da actual Galiza. Foram exumados dos castros de Monte Castelo de Pelóu (Camino & Villa, 2014, p. 70, fig. 16), Coubueira (Lugo), San Cibrao de Las Conterras (Ourense), Lebosandaus (Ourense) e Santa Trega (Aguarda), muito próximo da actual fronteira com Portugal, localizado na margem norte da foz do rio Minho (González, 2006–2007, p. 429).

Da C.2 da torre T7 (Sector I–II) e da C. 2B do compartimento D14 (Sector V) (respectivamente 1.ª e 2.ª subfases da ocupação tardo-republicana) provieram duas glandes *plumbeae* produzidas de modos bem distintos: uma obtida por forjadura, e que por esse motivo apresenta uma forma bicónica, e outra obtida por fundição em molde bivalve, revelada pela secção que denuncia a fusão parcial da junção dos dois elementos (Fig. 9, n.º 3). Estes projecteis de funda têm sido considerados bons indicadores da presença de tropas auxiliares não-hispanas (Quesada, 2008, p. 17); surgem em contextos peninsulares em três momentos distintos: na conquista (século II a.C.), guerras sertorianas (1.º quartel do século I a.C.) e guerras cesarianas (meados do século I a.C.) (Quesada, 1997, p. 476). Na C. 2B do compartimento D14 (Sector V) surgiu também uma ponta de dardo de ferro de cabeça perforante piramidal maciça e com espigão de encabamento, que poderá representar um projectil de *ballista* associado à artilharia de torção (Fig. 9, n.º 5). Este tipo de arma encontra-se identificado em Cabeça de Vaiamonte (Monforte) (Pereira, 2018, p. 136 e Est. 19) e também no acampamento militar numantino de Renieblas (Luik, 2002, p. 354, Abb. 188, n.º 182). Provavelmente associado

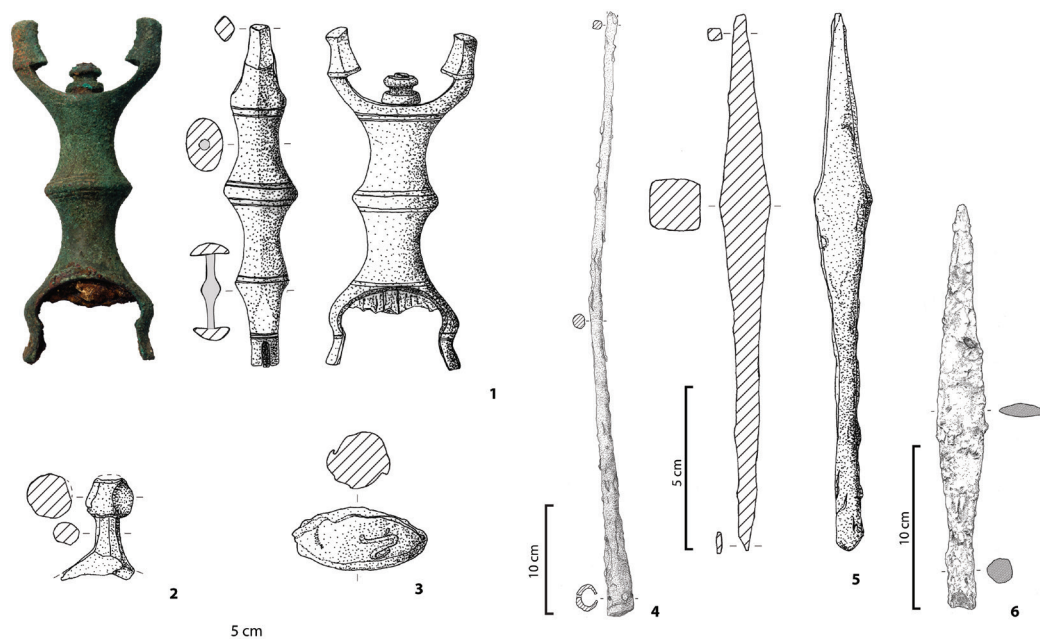


Fig. 9 – Chibanes III. Armas do período romano-republicano:  
1 – Empunhadura de liga de cobre de punhal de antenas de tipo Santa Trega, que conserva fragmento de lâmina de ferro;  
2 – Botão terminal de capacete de ferro de tipo *Buggenum*;  
3 – Projétil de funda (*glans plumbea*) de chumbo obtido por molde bivalve;  
4 – Fragmento de *pilum* ligeiro de ferro com alvado;  
5 – Ponta de dardo de ferro de perfil piramidal de provável utilização na artilharia de torção (projétil de *ballista*?);  
6 – Ponta de lança de ferro.

à passagem entre a primeira e a segunda fase de ocupação do período romano-republicano, surge um fragmento de provável botão terminal biconico de capacete de tipo *Buggenum* (Fig. 9, n.º 2). Este fragmento diz respeito a um capacete de ferro que encontra paralelo em um contexto sertoriano identificado em La Libisosa (Lezuza, Albacete) (Uroz, 2012, p. 301) e que se encontra datado do primeiro quartel do século I a.C.

Devemos referir ainda a presença das seguintes peças:

- *Pilum* ligeiro de ferro, com alvado de encabamento (Fig. 9, n.º 4), recuperado da C. 3B do compartimento B20 (Sector V). Estes *pila* ligeiros, por oposição aos elementos pesados de aba, seriam utilizados pelas tropas auxiliares no século II a.C., nos acampamentos numantinos (Bishop & Coulston, 1993, p. 51, fig. 21, 1 e 6); no contexto das guerras sertorianas em *Valentia* (Quesada, 2008, p. 14), Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984, Tafel 24, n.ºs 187–194); e no primeiro terço do século I a.C. em La Caridad de Caminreal (Álvarez & Cubero, 1999, p. 137), enquanto em Urso (Sevilha) (Quesada, 2008, p. 14, fig. 4) surgem apenas os modelos mais ligeiros com e sem alvado;

- Ponta de lança de ferro, com lâmina em forma de folha de loureiro e secção transversal lenticular, bem como encabamento em alvado (Fig. 9, n.º 6) recuperada na C. 2 do compartimento F17 (Sector IV). Estas armas hasteadas são muito comuns em contextos do século I a.C.

como Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984, Tafel 24, n.ºs 181–183), Conímbriga (Alarcão & *alii*, 1979, pl. XVII, n.º 2) e também em Urso (Sevilha) (Quesada, 2008, p. 15, fig. 5B), Numância e Alésia onde ocorrem em contextos cesarianos (Ulbert, 1984, p. 105).

- Elementos de *militaria* (4 exemplares), dois dos quais pertenceram a arreios de cavalo — um botão de arreio de liga de cobre e um agrafio de rédeas, de ferro, exumados da C. 2A do compartimento G20 (Sector V–VII), e um outro elemento de possível *cingulum* recuperado da C. 2B do compartimento J17 (Sector V). Este fragmento de possível placa-dobradiça de cinturão em liga de cobre apresenta uma decoração em baixo-relevo em forma de triângulos preenchidos por seis besantes, em tudo semelhantes àqueles que foram identificados nas placas-dobradiças de Cabeça de Vaíamonte (Pereira, 2018, p. 150, Est. 131 – n.º 1) e em uma placa proveniente do acampamento numantino de Renieblas (Luik, 2002, Abb. 79 – C57).

## 6.2. Fíbulas

Os objetos de adorno, especialmente as fíbulas, podem contribuir para uma melhor definição cronológica dos contextos; na sua circulação, o exército romano parece ter desempenhado um papel não negligenciável.

Em Chibanes, estão presentes: dois exemplares de fíbulas anulares hispânicas, provenientes

da camada superficial; os tipos: *Schüle 4h*, com quatro exemplares distribuídos equitativamente pelas Cs. 1 e 2 (Fig. 10, n.ºs 3 e 4); *Ponte 36*, também designado “*pseudo-La Tène II*”, que oferece um total de cinco exemplares provenientes das Cs. 1 a 3 (Fig. 10, n.ºs 1 e 2); *Nauheim*, com dois exemplares exumados da C. 2, bem como um fragmento de variante de *Nauheim*, também designada por tipo “*Cáceres el Viejo*”, desprovido de contexto (Fig. 10, n.ºs 5 e 6); da C. 2C do compartimento F17 (Sector V) proveio um exemplar de *Knotenfibeln* / *Ponte 38* (Fig. 10, n.º 7). A leitura cronológica permitida por este conjunto implica não só as presenças aferidas, como também as ausências, nomeadamente de modelos associados a momentos posteriores a 60 a.C. como as fíbula anulares romanas, Alésia ou Aucissa; as fíbula anulares hispânicas, associáveis a uma ocupação sidérica contemporânea da chegada dos contingentes militares romanos, registam uma fraca incidência.

Chibanes revela assim uma efectiva padronização dos modelos de fíbula empregues pela sua população, o que parece demonstrar o seu carácter militar/militarizado — com a presença das fíbula de tipo *Nauheim* que ali aportam através dos contingentes militares, mas também com os modelos latenianos de tipo *Ponte 36a* e *Schüle 4h*.

Na sua tipologia, Michel Feugère organiza os modelos de tipo *Ponte 36* pelo factor cronológico. Considera o tipo *Feugère 1* de corda exterior ao arco (*Ponte 36a*) como um verdadeiro modelo lateniano (*La Tène II*), em oposição aos modelos do tipo *Feugère 3a* e *3b* (*Ponte 36b*) de corda interior ao arco, considerados galo-romanos e que por isso são classificados pelo autor como “*pseudo La Tène II*” (Feugère, 1985, p. 188). Em Chibanes encontramos essencialmente os modelos mais arcaicos, de corda exterior ao arco, contextualizados nas duas subfases do período romano-republicano.

O modelo que sucede às fíbula filiformes elaboradas por forjadura caracteriza-se pelo seu arco maciço obtido “por meio da cera perdida” (Ponte, 2006, p. 317), cujo ombro (topo do arco) mostra uma decoração estilizada e moldurada que imita os remates decorativos de *La Tène II* que agora se fundem ao arco (modelos do período final de *La Tène*) e que permitiram a designação como “fíbula de nó” (do alemão

*Knottenfibeln*). A placa de descanso oferece um perfil triangular e univazado, terminando os modelos peninsulares em um pé em botão, que não ocorre nos restantes exemplares europeus. A mola bilateral apresenta geralmente quatro a doze espiras e é de corda interior ou exterior ao arco. O exemplar de Chibanes, bem como os exemplares de Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2018, pp. 230–233, Est. 91, n.ºs 11–13) e Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984, Taf. 8–29) deverão corresponder a imitações dos modelos de tipo Novo Vas que apresentam cronologias entre 100 e 70 a.C. e uma produção associada ao nordeste da Península Itálica que assistiu a uma difusão aparentemente limitada (Pereira, 2018, pp. 230–233). Este poderá assim tratar-se de um modelo que surge com a chegada dos contingentes militares itálicos.

Os modelos de *Nauheim* também se encontram bem representados em Chibanes, especialmente o tipo *Feugère 5a1*, cujo arco possui um perfil triangular liso; assiste-se à mesma popularidade em Cabeça de Vaiamonte (10 exemplares — Pereira, 2018, p. 235, Est. 92, n.ºs 6–16) e nos conjuntos do acampamento de Cáceres el Viejo (6 exemplares — Ulbert, 1984, Taf. 7 e 8, n.ºs 11–13 e 23–25) ou no acampamento numantino de Renieblas (2 exemplares — Luik, 2002, Abb. 166, n.ºs 12 e 13). Estas fíbula em liga de cobre, de mola de quatro espiras, de corda interior ao arco apresentam uma difusão cujo epicentro parece ser a região do Languedoque (Feugère, 1985, p. 223), a antiga Gália Narbonense, sendo que, cronologicamente, se situam entre o último quartel do século II a.C. e meados do século I a.C. (Feugère, 1985, p. 225). Há ainda que referir a existência de pelo menos um exemplar que retrata uma variante local/regional deste tipo. Trata-se de uma fíbula de perfil incompleto cujo arco se apresenta profusamente decorado, com recurso a três linhas de *grènetis* idênticas às que apresenta o tipo *Feugère 5a21*; possui paralelo em Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2018, Est. 93, n.º 1 a 3), mas cuja placa de descanso com recurso a um pequeno círculo univazado denuncia uma produção que imita aquele modelo gaulês e que ocorre na área de *Caput Adriae*, datada entre 75 e 40 a.C., tendo sido criadas tipologias regionais que a designam por tipo *Nauheim II.1A* — de Demetz, ou variante A — de Božić (2008, p. 19).

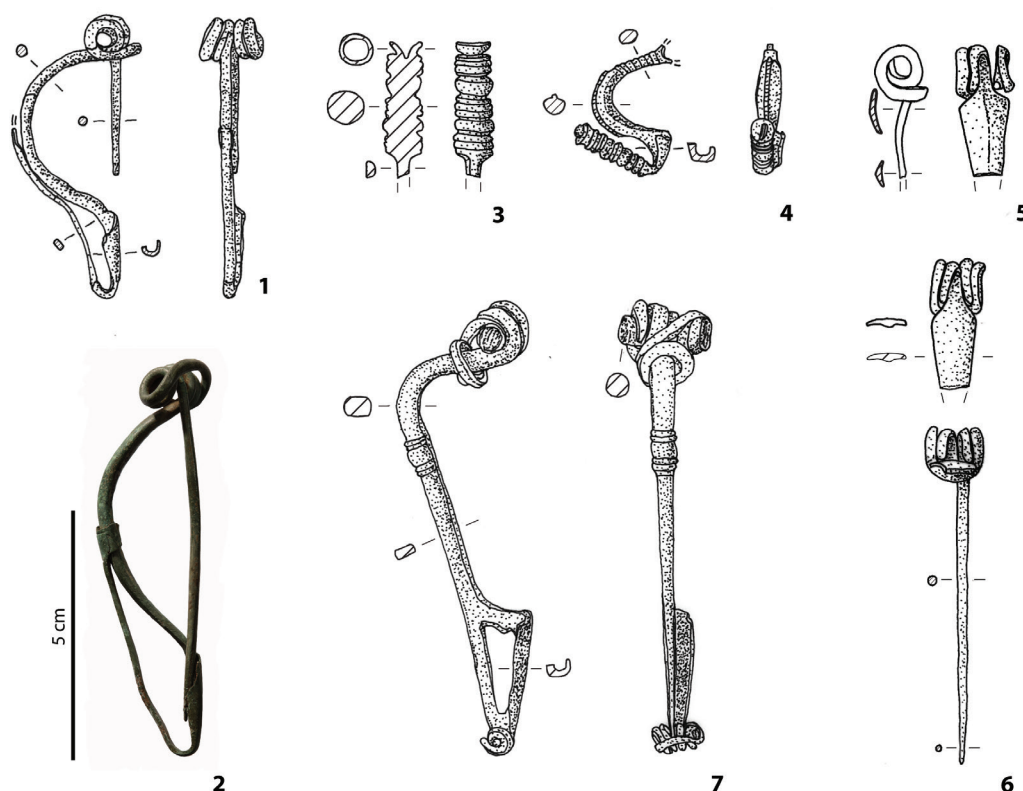


Fig. 10 – Chibanes III. Fíbulas da ocupação romano-republicana: 1 e 2 – Fíbulas de liga de cobre de tipo “pseudo La Tène II”/ Ponte 36a; 3 e 4 – Fragmentos de fíbulas de liga de cobre de tipo Schüle 4h; 5 e 6 – Fragmentos de fíbula de tipo/ variante de Nauheim, de liga de cobre, mola de quatro espiras de corda interior ao arco de secção triangular; 7 – Fíbula de liga de cobre de tipo Ponte 38.

### 6.3. Baixela metálica e instrumentos médico-cirúrgicos

Para além das fíbulas, que nos falam da chegada de Roma, não podemos deixar de referir outras duas subcategorias artefactuais relacionadas com o processo de conquista romana, uma vez que, no panorama peninsular, tanto a baixela metálica tardo-republicana, quanto os instrumentos médico-cirúrgicos parecem ter chegado naquele momento.

No que respeita à baixela, foram identificados nove fragmentos que apontam para a presença de sítulas, coadores/raladores e *simpula*, de liga de cobre. Um dos contextos onde encontramos a maior concentração destes achados foi a C. 2 do Q. L12 (Sector IV) de onde se exumaram: um suporte de recipiente em forma de valva de bivalve, um bordo interno de um *simpulum* de tipo indeterminado e ainda um bordo de uma concha de *simpulum* ou de um jarro bitroncocónico. Estes elementos de baixela encontram-se bem documentados em contextos peninsulares e gauleses entre 120 e 50 a.C. e possuem paralelos entre os conjuntos artefactuais do provável estabelecimento militar de Cabeça de Vaíamonte (Monforte) (Pereira, 2018, p. 304), no acampamento de Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984) ou ainda no

Castelo da Lousa (Mourão) (Ruivo, 2010), só para dar alguns exemplos de contextos provavelmente relacionados com ocupações dos períodos das guerras sertorianas e cesarianas.

Os instrumentos médico-cirúrgicos, apesar de não representarem uma grande variedade formal, ocorrem sob a forma de quatro sondas: duas sondas raspadeiras provavelmente utilizadas em cirurgia oftalmológica, e duas sondas espatuladas (*spathomele*) que poderiam ter diversas utilizações. Estes instrumentos provieram das Cs. 3A e 2B, dos compartimentos R14 (Sector IV), D14 (Sector V) e N16 (Sector XX) correspondentes, respectivamente, ao momento de colapso de estruturas, que separa as duas subfases de ocupação tardo-republicana, e à 2.ª subfase de ocupação.

### 7. Conclusões

A cultura material — muito especialmente os materiais anfóricos, embora ainda em estudo, os artefactos metálicos e a cerâmica de verniz negro itálico — aqui apresentada permite-nos por agora datar a ocupação tardo-republicana de Chibanes entre os finais do século II e meados do século I a.C.



A informação arqueológica pode articular-se com as fontes clássicas, sendo mesmo possível admitir que Chibanes poderá corresponder à *Caepiana* ptolomaica. A estratigrafia do sítio revelou um episódio de destruição na transição da primeira subfase de ocupação romano-republicana (Chibanes IIIA) para a segunda (Chibanes IIIB), representada por derrubes de muros, especialmente de taipa e adobes, e incêndio; na cultura material, destaque para a presença de instrumentos médico-cirúrgicos neste contexto de destruição, que poderia ter sido provocado por causas naturais ou correlacionável com as guerras sertorianas.

A arquitectura militar/militarizada da III fase de ocupação de Chibanes sobrepõe-se e adossa-se à muralha sidérica desmantelada em altura, e organiza-se sob a forma de dois “fortins” localizados nas entradas diametralmente opostas do povoado (definindo um eixo de circulação aproximadamente de direcção NE-SO com o comprimento máximo de 200 m). Estas estruturas encontram-se ligadas por muro delimitador do recinto habitado (cerca de 1ha), na vertente setentrional. A sul, o sítio é defendido por vertente abrupta. Na primeira subfase de ocupação tardo-republicana, o

carácter militar é mais evidente que no final desta ocupação, quando ocorre uma utilização mais doméstica do espaço, bem expressa no registo faunístico e nas estruturas de habitat, assim como provável crescimento demográfico (maior compartimentação dos edifícios).

No estado actual do estudo da jazida, o que nos parece mais importante sublinhar como contribuição de Chibanes para o conhecimento da conquista romana, são: a imagem de instabilidade e conflitualidade que marcou o lugar entre finais do século II e primeira metade do século I a.C.; as interrogações suscitadas sobre os modos de apropriação do poder pela potência invasora; os mecanismos de resistência operacionalizados pelas populações indígenas.

O estudo da integração do estabelecimento de Chibanes na rede de povoamento inter-estuarino Tejo-Sado para o período em apreço, embora fora do âmbito do presente texto, será indispensável para a construção de uma narrativa plausível sobre a realidade arqueológica que terá materializado em Chibanes episódios do processo da conquista romana, e presumíveis formas de resistência e/ou submissão das populações nativas.

### Agradecimentos

O presente artigo foi produzido no âmbito da actividade do Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS/AMRS. O nosso agradecimento vai para Françoise Mayet pelos desenhos das ânforas; alunos de Pré e Proto-História da FSCH da Universidade Nova de Lisboa que participaram nos *Summer School* organizados em Chibanes nos anos de 2012–2014 — a sua participação trouxe aos trabalhos de campo muitas perguntas e algumas respostas; António Júlio Costa sempre presente nos trabalhos de campo; Jorge Costa, que infelizmente já não se encontra entre nós, David de Jesus e Jorge Feio, que muito contribuíram para o registo gráfico. Estamos igualmente reconhecidos a Paula Palmeira pelo excelente trabalho de restauro que tem vindo a realizar, a Virgínia Ajuda e Fernanda Fino pelo inventário, a Ana Castela pelo trabalho de *design* gráfico, a Bárbara Polyak pela tradução do resumo e a Antónia Coelho-Soares, pela fotografia de campo.

### Bibliografia citada

- ALARCÃO, Jorge de; ETIÉNNE, Robert; ALARCÃO, Adília; PONTE, Salete da (1979) — *Fouilles de Conimbriga VII: Trouvailles diverses, conclusions générales*. Paris: M.A.F.P/Museu Monográfico de Conimbriga.
- ÁLVAREZ ARZA, Ramón; CUBERO ARGENTE, Manuel (1999) — Los pila de lo poblado ibérico de Castelluf. *Gladius*. 19, pp. 121–142.
- ARRUDA, Ana Margarida (1993) — Os primeiros contactos. In MEDINA, João, dir. — *História de Portugal: O Mundo Luso-Romano — A romanização*. Amadora: Ediclube. II, Parte II, pp. 161–174.
- ARRUDA, Ana Margarida; PEREIRA, Carlos; SOUSA, Elisa de; PIMENTA, João; DETRY, Cleia; GOMES, João (2018) — Chões de Alpompe (Vale de Figueira, Santarém): lendas e narrativas. *Spal*. 27:2, pp. 201–227.

- BISHOP, Michael C.; COULSTON, John C. N. (1993) – *Roman military equipment: from the Punic Wars to the fall of Rome*. Oxford: Oxbow Books.
- BOŽIČ, Dragan (2008) – Fibule di tipo Nova vas. In BUORA, Maurizio; SEIDEL, Stefan, eds. – *Fibule antiche del Friuli: Cataloghi e monografie archeologiche dei Civici Musei di Udine*. Roma. 9, pp. 19–21.
- CADIOU, François (2015) – *Praesidia et castella dans les sources littéraires*. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 25, pp. 231–243.
- CAMINO MAYOR, Jorge; VILLA VALDÉS, Ángel (2014) – El hierro en el registro arqueológico de la Protohistoria Cantábrica. In *I Coloquio de Arqueología Experimental del Hierro y Paleosiderurgia*. Kobie. Bilbao: BFA/DFB. Anejo 13, pp. 59–74.
- CIBECCHINI, Franca; PRINCIPAL, Jordi (2004) – Per chi suona la campana B? In DE SENA, Eric; DESSALES, Hélène, coords. – *Archaeological methods and approaches: ancient industry and commerce in Italy (Rome, April 18–20, 2002)*. Oxford: British Archaeological Reports, pp. 159–172.
- DETRY, Cleia; TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2017) – Estudo zooarqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 113–127.
- DI GIUSEPPE, Helga (2012) – *Black-Gloss Ware in Italy. Production, Management and Local History*. Oxford: Oxford University Press (British Archaeological Reports, i.s. 2335).
- FABIÃO, Carlos (2006) – The Roman army in Portugal. In MORILLO CERDÁN, Ángel; AURRECOE-CHEA FERNÁNDEZ, Joaquín, eds. – *The Roman army in Hispania. An archaeological guide*. León: Universidad, pp. 107–218.
- FABIÃO, Carlos (2014) – Por este rio acima: conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica. *Cira Arqueologia*. 3, pp. 9–24.
- FARIA, António Marques de (1989) – A numária de \*CANTNIPO. *Conimbriga*. 28, pp. 71–99.
- FARIA, António Marques de (1992) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FEUGÈRE, Michel (1985) – Les fibules en Gaule Méridionale, de la conquête à la fin du V<sup>e</sup> s. ap. J.-C. Paris: Centre national de la recherche scientifique.
- JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, Agustín de (1995) – *Castellum* en la Hispania romana: su significado militar. *Hispania Antiqua*. 19, pp. 129–150.
- GOMES, Susana; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima; SOARES, António M. Monge; GUERRA, Amílcar (2013) – Caracterização isotópica do pb em glandes plumbeae do Alto dos Cacos (Almeirim). In *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 835–839.
- GOMES, Susana; ARAÚJO, Maria de Fátima; SOARES, António M. Monge; PIMENTA, João; MENDES, Henrique (2018) – Lead provenance of Late Roman Republican artefacts from Monte dos Castelhinhos archaeological site (Portugal): Insights from elemental and isotopic characterization by Q-ICPMS. *Microchemical Journal*. 141, pp. 337–345.
- GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo (2006–2007) – Galaicos: poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.–50 d.C.). *Brigantium*. 18, pp. 18–19.
- GUERRA, Amílcar (1987) – Acerca dos projecteis para funda da Lomba do Canho (Arganil). *O Arqueólogo Português*. Série IV. 5, pp. 161–177.
- GUERRA, Amílcar (2004) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 217–235.
- LAMBOGLIA, Nino (1952) – Per una classificazione preliminare della ceramica campana. In *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Liguri*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, pp. 139–206.
- LUIK, Martin (2002) – *Die Funde aus den römischen Lagern um Numantia in Römisch-Germanischen Zentralmuseum*. Mainz; Bonn: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (2003) – Los campamentos romanos de Astorga y León. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Antigua*. Serie II. 16, pp. 83–110.
- MORILLO CERDÁN, Ángel, ed. (2007) – *El ejército romano en Hispania*. Guía Arqueológico. León: Universidad.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (2008) – Criterios arqueológicos de identificación de los campamentos romanos en Hispania. *Salduie*. 8, pp. 73–93.
- OLCINA DOMÉNECH, Manuel; GUILABERT MAS, Antonio; TENDERO PORRAS, Eva (2014) – Fortificaciones tardorrepublicanas de Lucentum (Hispania Citerior). In SALA SELLÉS, Feliciano;

- MORATALLA JÁVEGA, Jesús, eds. – *Las guerras civiles romanas en Hispania*. Alicante: Universidad; Museo Arqueológico de Alicante, pp. 127–137.
- PASTOR MUÑOZ, Mauricio (2000) – *Viriato: la lucha por la libertad*. Madrid: Aldebarán.
- PEDRONI, Luigi (1989) – Nuova matrice per decorazioni a rilievo da Cales. *Samnvm*. 62, pp. 225–230.
- PEREIRA, Teresa Rita (2018) – *O papel do exército no processo de romanização. A Cabeça de Vaia-monte (Monforte) como estudo de caso*. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PIMENTA, João, ed. (2013) – *Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, João; SORIA, Vincenzo; MENDES, Henrique (2014) – Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos. *CIRA Arqueologia*. 3, pp. 86–121.
- PONTE, Salete da (2006) – *Corpus signorum das fíbulae proto-históricas e romanas Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- QUESADA SANZ, Fernando (1997) – *El armamento ibérico: estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura ibérica (siglos VI–I aC)*. Montagnac: Monique Mergoil.
- QUESADA SANZ, Fernando (2008) – Armamento romano e ibérico em Urso (Osuna): testimonio de uma época. *Cuadernos de los Amigos de los Museos de Osuna*. 10, pp. 13–19.
- RIBEIRO, Orlando (1935) – A Arrábida: esboço geográfico. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. 3, pp. 1–94.
- RIBEIRO, Orlando (1937) – A Arrábida: esboço geográfico. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. 4:1–2, pp. 51–131.
- RUIVO, José (2010) – Capítulo 7.9 – Espólio metálico. In ALARCÃO, Jorge de; CARVALHO, Pedro C.; GONÇALVES, Ana, eds. – *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 481–517.
- SALINAS DE FRÍAS, Manuel (2014) – Reflexiones sobre la guerra de Sertorio en la Hispania Citerior y sus fuentes literarias. In SALA SELLÉS, Felician; MORATALLA JÁVEGA, Jesús, eds. – *Las guerras civiles romanas en Hispania*. Alicante: Universidad; Museo Arqueológico de Alicante, pp. 23–33.
- SCHULTEN, Adolf (1937) – *Fontes Hispaniae Antiquae: Las Guerras de 154–72 a. de J. C.* Barcelona: Librería Bosch. IV.
- SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1972)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. I, pp. 245–305.
- SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (2014) – O Projecto de Investigação Arqueológica “CIB” e a campanha de escavações Chibanes/2012. *MUSA: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*. 4, pp. 75–98.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (1997) – Chibanes revisitado: primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*. 6, pp. 33–66.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C. In FERNANDES, Isabel; SANTOS, Michelle – *Palmela arqueológica no contexto da região inter-estuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal, pp. 67–87.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2014) – O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio AC na Estremadura. *Setúbal Arqueológica*. 15, pp. 105–172.
- ULBERT, Gunter (1984) – *Cáceres el Viejo: ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern.
- UROZ RODRÍGUEZ, Héctor (2012) – *Prácticas rituales, iconografía vascular y cultura material en Libisosa (Lezuza, Albacete): nuevas aportaciones al Ibérico Final del Sudeste*. Alicante: Universidad.